

SIMPÓSIO 5  
LÍNGUA DE HERANÇA  
EM BUSCA DE FUNDAMENTOS TEÓRICOS E  
ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

COORDENADORES

Maria Célia Lima-Hernandes  
(Universidade de São Paulo)

Felícia Jennings-Winterle  
(Brasil em Mente)



## DEFININDO ESPAÇOS PARA UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA

Felicia JENNINGS-WINTERLE<sup>1</sup>

É crescente o interesse pelo o ensino e a promoção das línguas de herança (LH) entre as comunidades expatriadas de diferentes nações. Especificamente em relação ao português como língua de herança (PLH), observa-se um efervescer de iniciativas e projetos entre os brasileiros que escolheram residir e criar seus filhos em outros países.

Imigrantes em todo o mundo, mesmo com números oscilantes e que reverberam a inconstância dos cenários socio-político-econômicos do Brasil, os brasileiros têm a tendência de espalhar-se, característica vista também entre os indivíduos e grupos que promovem o PLH. Por muitos anos, um número que no momento pode somente ser conjecturado, educadores, promotores culturais e agentes comunitários estiveram ativamente propondo meios de manutenção da língua e cultura do Brasil entre os descendentes da diáspora.

Dispersos e desarticulados, suas ações acabaram se volatizando. Ainda hoje, observa-se repetições de erros e acertos, não só porque os cenários contém mais semelhanças do que diferenças; reinventam-se práticas por conta, também, da falta de reconhecimento do governo brasileiro e da própria comunidade expatriada.

Através de um trabalho de pesquisa e mapeamento de centros culturais, organizações, projetos e atividades envolvendo filhos de brasileiros, carinhosamente chamados de *brasileirinhos* – filhos ou netos de um ou mais cidadãos brasileiros que nasceram fora do Brasil ou mudaram-se para o exterior em idade escolar – hoje é possível identificar onde, como e porque esse movimento cresce de maneira tão acelerada. Ao reunir tais programas inúmeras reincidências são notadas, desde a história e forma de fundação, até os desafios correntes como a falta de material, de apoio financeiro e de capacitação de professores.

---

<sup>1</sup> Brasil em Mente, NY-EUA

Com o intuito de discorrer sobre o que já foi reunido, delinearei o que considero *espaços* da abordagem pedagógica do PLH. Apresento-os construindo uma metáfora onde uma cebola – com suas múltiplas camadas, forma esférica e infinitas possibilidades de segmentação e corte – ilustra as diferentes instâncias, indivíduos, níveis de ação e práticas de manutenção, promoção e ensino do PLH.

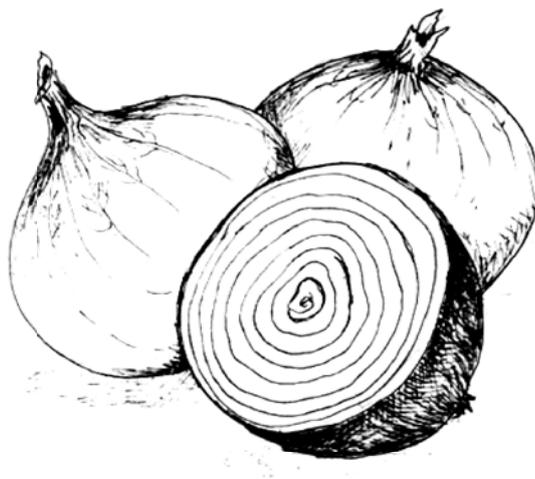


A cebola pode ser vista em uma perspectiva de composição de anéis, de lascas, de camadas de incontáveis películas; pode ser cortada verticalmente, horizontalmente, na diagonal, em cubos, rodelas ou oitavos. O mais fascinante nessa imagem é que, em todo tipo de corte, cada pedaço contém por si só, porções de toda a esfera, fragmentos de partes externas e internas visíveis a olho nu. Assim também podem ser compreendidos os espaços que chamamos global, local e individual (Jennings-Winterle & Lima-Hernandes, 2015), intrinsecamente inextricáveis e muito convidativos à pesquisa.

O *espaço global* tem proporções intercontinentais e envolve tanto as diferentes instâncias governamentais, as políticas linguísticas e culturais do país de origem e do hospedeiro, quanto os indivíduos que pesquisam e promovem essa língua-cultura em todo o mundo e que podem fazer intercâmbios do hemisfério sul ao norte, do leste ao oeste, do tradicional ao moderno, do papel às telas de eletrônicos, do fragmentado ao associado.

Esse espaço não é, de maneira alguma, institucionalizado, homogêneo ou normatizado. A própria sigla que representa essa área de estudos não tem (ainda) uma

marca consensual. Alguns indivíduos usam 3 letras – PLH ou LPH – outros, 4 letras – POLH.



Diversidade de pensamentos à parte, tal diferenciação demonstra desarticulação entre educadores e pesquisadores de todo o mundo e, apesar de carregar

uma marca de resistência, especialmente no caso das 4 letras (POLH), quem sabe até distanciando-se da sigla PLE (Português como Língua Estrangeira), na prática, mais segmenta do que ajunta. A preocupação é que, em se tratando de um campo de estudos tão insípido, a homogeneidade de seu rótulo poderia fortalecer o coletivo, dando, inclusive, consistência e coerência a esse contexto.

No espaço global destaca-se a multiplicidade de possibilidades que a internet, especificamente as mídias sociais, oferece ao movimento do PLH (Moroni, 2015). Comunidades do falecido Orkut migraram para o Facebook, plataforma que abriga comunidades de professores em todo o mundo – *Professores de Português na Suécia*, *Professores de Português no México*, *Professores de Português no Japão*, só para citar alguns; grupos de educadores de PLH – *Federação das Iniciativas em prol do PLH*, *Elo Europeu*, *Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido – ABRIR*; e de famílias multiculturais – *Criando Filhos Bilingues* (com cerca de 6.000 membros), *Mães Brasileiras na Austrália*, *Pais de Brasileirinhos da Bay Area*, etc. Aliás, é ao Facebook que os louros dos avanços da conscientização sobre a própria existência do PLH devem ser ofertados.

Além das mídias sociais, blogs têm trazido informação (e disseminado vários níveis de opinião) ao alcance de pais e professores. A cada semana uma nova formadora de opinião discorre sobre os desafios, dissabores e alegrias da convivência bilingue.

Sim, esse é um movimento predominantemente feminino, uma marca muito significativa à própria essência do PLH e de seu movimento.

Recentemente foi inaugurada também a LINCOOL – Língua e cultura, a revista eletrônica do PLH – uma publicação periódica online, registrada junto à Biblioteca Nacional do Congresso Americano, de periodicidade semestral. Outra obra, *Português como Língua de Herança – a filosofia do começo, meio e fim* (organização de Felicia Jennings-Winterle & Maria Célia Lima-Hernandes, 2015), merece destaque por sua natureza colaborativa – 14 mulheres de diferentes países e áreas de atuação compuseram mais de 300 páginas de conteúdo pioneiro.

No mesmo ano, uma segunda publicação foi lançada no próprio V SIMELP, *Português como Língua de Herança: discursos e percursos* (organização de Kátia Chulata) e, desde então, pelos menos 3 outros livros levam o termo “Português como Língua de Herança” no título ou em mais de um capítulo e foram publicados no Brasil.

Diversos eventos têm sido realizados em prol da capacitação e *networking* de educadores, tanto por organizações brasileiras, quanto por brasileiros inseridos em contextos acadêmicos diversos. Em 2013 realizou-se o I SEPOLH (Simpósio Europeu sobre o Ensino do Português como Língua de Herança), evento bianual focado em iniciativas europeias; em 2014 realizou-se nos EUA a I Conferência sobre o Ensino, Promoção e Manutenção do PLH, evento anual que recebe educadores e pesquisadores de todo o mundo; e no Japão, professores e mantenedores de escolas brasileiras têm se reunido desde 2013 no Fórum de Educação Brasil-Japão. Em sua 4ª edição (2015), o tema PLH foi incluído na programação.

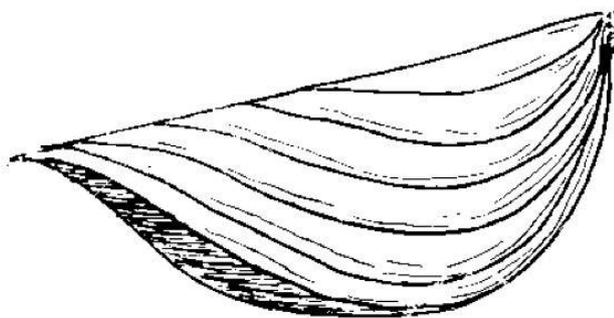
O V SIMELP abrigou pela primeira vez um simpósio para a discussão específica desse tema – Língua de Herança: em busca de fundamentos teóricos e encaminhamentos metodológicos. Foram apresentados 18 trabalhos de pesquisadores dos EUA, Brasil, Finlândia, Portugal, Alemanha, Espanha e Inglaterra. A qualidade das apresentações foi notável e demonstrou que essa área de estudo está florescendo, mas precisa de pesquisa específica, capacitação de educadores e material didático apropriado.

Esse fato corrobora à noção de que o movimento em prol do PLH é muito maior e muito mais consolidado, na prática, do que uma observação teórica e acadêmica pôde inicialmente revelar, muito provavelmente porque a interação entre os membros dos 3 espaços é ainda muito restrita e ineficaz mas também porque tal “espaço global” ainda está muito picado, continuando com a metáfora da cebola.

Além desses encontros, oficinas de curta duração têm sido promovidas em alguns consulados (especificamente em São Francisco e Washington - DC, Boston – EUA, na Suíça e na Espanha) e programas de formação mais extensos (como a Formação PLH da organização Brasil em Mente com 2 volumes, desenvolvido online, e pelos quais cerca de 120 educadores de 15 países já participaram) por organizações civis.

Destaca-se também a criação do Dia do Português como Língua de Herança, celebrado em todo mundo em 16 de maio, desde 2014. Com o objetivo de celebrar essa especialidade do ensino/promoção da língua portuguesa e as iniciativas tão diversas que se propõem a disseminar esse legado linguístico-cultural, a data é comemorada mundialmente e tem o apoio de importantes instituições, entre elas a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa.

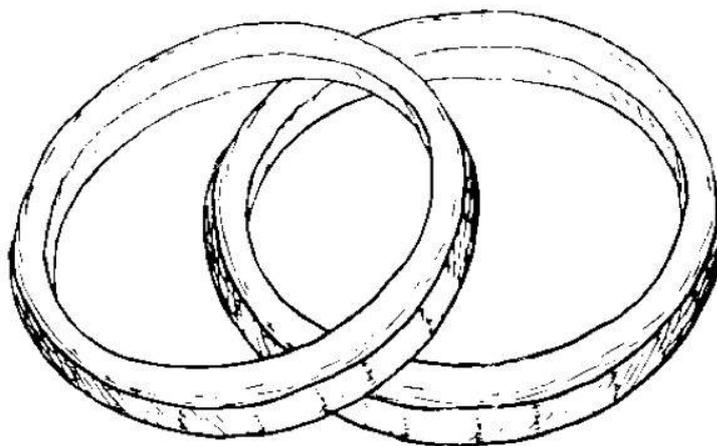
O *espaço local* se refere à comunidade com características distintas dependendo do país, do estado ou da cidade. Oferece mais possibilidades de encontro real (ao contrário das virtuais do espaço global) onde se materializa o desejo do cultivo e transmissão da LH que tendo a seguir um caminho do local ao global, do familiar ao comunitário (Moroni, 2012).



É nesse espaço que podemos identificar e analisar os diferentes programas educativo-culturais aos quais chamamos *iniciativas* – propostas pedagógicas que cultivam valores culturais e promovem educação *em* e *através* da língua portuguesa – uma unificação de diversos termos (*playgroup, playschool, escola, escolinha, oficina, escola comunitária, encontros*) (Jennings-Winterle & Lima-Hernandes, 2015) que carrega a marca da ação civil, informal, por vezes até amadora, e que não têm, nem precisa ter, uma constituição escolar, formatada ou engessada.

Tais iniciativas são categorizadas em 3 grupos de acordo com a frequência dos encontros, nível de envolvimento e expectativas educativas: *Formais* – as que promovem encontros mais de uma vez por semana, por pelo menos 4 horas semanais; *Informais* – as que promovem encontros 1 vez por semana, por menos de 4 horas semanais; e *Esporádicas* – as promovem encontros com frequência irregular e esporádica (Jennings-Winterle & Lima-Hernandes, 2015).

Nessa pesquisa já é possível observar, como previamente mencionado, mais similaridades do que diversidade. Mesmo levando em conta a convivência com línguas distintas e uma certa discrepância entre políticas linguísticas, à nível mundial a maioria das iniciativas em prol do PLH são informais; suas expectativas, as chamadas bases pedagógicas (Jennings-Winterle, 2015), são comparáveis; e o perfil de seus educadores e participantes reflete aspectos da essência das identidades brasileiras, fatores determinantes na estrutura e vitalidade das propostas, no material e na capacitação dos que se dispõem à educar (Mendes, 2015).



Finalmente, o *espaço individual* é aquele que refere-se ao núcleo familiar: pais, demais familiares (inclusive os residentes no Brasil) e o próprio falante de língua de herança (FLH). Incorpora diversos modelos de famílias, formas de lidar com o bilinguismo (por exemplo, a famosa OPOL – one parent, one language; em português, um pai, uma língua), expectativas e os perfis do FLH que podem, com toda certeza, ser representados em um spectrum (Jennings-Winterle, em produção).

Foi possível comprovar na apresentação durante o simpósio do V SIMELP que a mostra desta pesquisa, ainda em andamento, que reúne fatos e dados sobre os indivíduos, projetos e até mesmo as conquistas em relação à promoção do PLH foi

recebida de maneira múltipla. Notou-se apreço pelo empreendimento, mas também uma certa rejeição por tratar-se de uma ação que não prioriza o acadêmico sobre o informal ou categoriza os pesquisadores vinculados às universidades como autênticos investigadores e os demais como amadores.

Conclui-se o que teorizou-se no início da pesquisa: o campo de estudos do PLH já tem força motriz há décadas; é, em diversos aspectos, cristalizado; mas sua efervescência atual parece ser mais forte e, da sala de estar para a sala de aula, do amadorismo para a profissionalização e do civil para o institucional e até o governamental, molda-se como uma fascinante possibilidade de manutenção e (re)identificação da língua, cultura e identidades brasileiras.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Jennings-Winterle, F. (2015). A musicalização: um meio para o ensino e desenvolvimento do português como língua de herança. Em K. de Abreu Chulata (Org.). *Português como Língua de Herança: discursos e percursos* (p. 101 – 119). Pensa: Lecce, Itália.

Jennings-Winterle, F. (Org.). (em produção). *Os espaços de estudo do Português como Língua de Herança como abordagem sócio-cultural e pedagógica*. BEM: Nova Iorque, Estados Unidos.

Jennings-Winterle, F. & Lima-Hernandes, M. C. (Orgs.). (2015). *Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim*. BEM: Nova Iorque, Estados Unidos.

Mendes, E. (2015). Ensino e formação de professores de português como língua de herança (PLH): revisitando ideias, projetando ações. Em K. de Abreu Chulata (Org.). *Português como Língua de Herança: discursos e percursos* (p. 79 – 100). Pensa: Lecce, Itália.

Moroni, A. (2013). Planejamento Linguístico + Políticas Linguísticas: muito prazer. *Plataforma Brasileirinhos*. Acessado em: <https://brasileirinhos.wordpress.com/2013/09/02/planejamento-linguistico-politicas-linguisticas-familiares-muito-prazer/>

Moroni, A. (2015). PLH: o começo de um movimento? Em F. Jennings-Winterle e M.C. Lima-Hernandes (Orgs.). *Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim* (p. 28 – 55). BEM: Nova Iorque, Estados Unidos.